



**Operadora:**

Bom dia a todos. Iniciamos neste momento a teleconferência do Banco do Brasil para discussão do resultado do 2T10.

Todos os participantes estão conectados apenas como ouvintes e, mais tarde, será a aberta a sessão de perguntas e respostas, quando serão dadas as instruções para participação. Caso precise da ajuda de um operador durante a teleconferência, basta teclar \*0.

Cabe lembrar que esta conferência está sendo transmitida ao vivo pelo Portal BB, no endereço [www.bb.com.br](http://www.bb.com.br), site de Relações com Investidores, onde há, inclusive, a possibilidade de visualizar os slides e enviar perguntas que serão respondidas na sessão de perguntas e respostas, ou posteriormente por e-mail.

Antes de prosseguir, gostaria de esclarecer que esta apresentação faz referências e declarações sobre expectativas, sinergias planejadas, estimativas de crescimento, projeções de resultado e estratégias futuras sobre o Banco do Brasil, suas subsidiárias coligadas e controladas. Estas expectativas são altamente dependentes das condições do mercado, do desempenho econômico geral do País, do setor e dos mercados internacionais. O Banco do Brasil não se responsabiliza em atualizar qualquer estimativa contida nesta apresentação.

Conosco hoje estão os senhores: Gilberto Lourenço da Aparecida, Gerente Geral de Relações com Investidores; Eduardo César Pasa, Contador Geral, e Renato Donatello Ribeiro, Diretor de Controladoria. Inicialmente, o Sr. Gilberto Lourenço apresentará detalhes do resultado, e ao final os executivos responderão as questões que forem formuladas.

Agora passo a palavra ao Sr. Gilberto. Por favor, Sr. Gilberto, queira prosseguir.

**Gilberto Lourenço da Aparecida:**

Bom dia a todos. Antes de prosseguir, queria dizer que estão aqui comigo também os senhores Denílson Gonçalves Molina, Diretor de Cartões; Marco Túlio Mendonça, Gerente Executivo da Área de Aquisição de Instituições Financeiras; Sr. Gueitiro Matsuo Genso, Diretor de Empréstimo e Financiamento; Sr. José Carlos Vaz, Diretor de Agronegócios, Sr. Paulo Roberto Evangelista de Lima, Diretor de Gestão de Riscos; Sr. Walter Malieni Júnior, Diretor de Crédito; Sr. Clenio Severe Teribele, Diretor de Micro e Pequenas Empresas.

Sejam bem-vindos à nossa teleconferência para divulgação dos resultados do Banco do Brasil no 2T. O desempenho do Banco alcançado nesse trimestre confirmou o êxito da estratégia adotada pela administração, ratificado pelo atingimento da grande maioria das estimativas que constam do nosso *guidance* divulgado ao mercado. Estamos confiantes de que o Banco alcançará seus objetivos, em vista das boas perspectivas da economia e da indústria bancária brasileira.

Vamos começar nossa apresentação pelo slide de número três, onde visualizamos algumas informações sobre a dinâmica econômica brasileira, demonstrando o potencial de crescimento de nosso País, e a melhora ocorrida dos fundamentos econômicos nos últimos anos. A movimentação interclasses sociais observada nos últimos seis anos, possibilitou o acesso ao crédito a mais brasileiros, beneficiando a



atividade bancária, especialmente as instituições financeiras com foco no varejo, como está atestado aí no crescimento de margem salarial, na redução da taxa do desemprego no Brasil.

No slide número quatro, os indicadores que ali estão mostrados corroboram as informações constantes do slide anterior, demonstrando que o volume de crédito na economia brasileira tem se expandido, mantendo seu nível de risco estável. O destaque nesse slide é o gráfico inferior à direita, que demonstra a evolução da relação crédito-PIB, que saltou de 30,2% em 2006 para 45,7% em junho de 2010.

Seguindo para o slide número cinco, apresentamos participações do Banco do Brasil em alguns segmentos, com destaque para a permanência como líder nos ativos, com 21% de market share. O Banco do Brasil, como pode ser visto neste slide, é líder em todos os segmentos que de fato são importantes na indústria bancária brasileira.

No slide número seis, podemos verificar que finalizamos o 1S10 com um lucro líquido de R\$5,076 bilhões, e um lucro recorrente de R\$4,383 bilhões, um crescimento no lucro recorrente de 34,9% em relação ao 1S09, demonstrando que as estratégias adotadas pelo Banco nos últimos anos vêm garantindo resultados consistentes.

Seguindo para o slide número sete, podemos ver a evolução da margem financeira bruta do Banco do Brasil, que apresentou expansão em relação ao 1S09, impulsionada principalmente pelo crescimento forte das receitas de operações de crédito, que registraram um crescimento de 33,5%. Mais uma vez, a expansão das receitas com crédito do Banco do Brasil foi atenuada pelo aumento dos volumes médios das operações de crédito, que compensa a redução dos spreads, que será abordada no próximo slide, de número oito.

Verificamos, portanto, o comportamento do spread do Banco por carteira, e também do spread global, e uma comparação em relação à Selic acumulada no período. A contração dos spreads nas carteiras de pessoa física e jurídica ocorre em razão principalmente da concentração nas operações com menor risco associado, e que também trazem menor margem, como o crédito consignado e o financiamento a veículos para as pessoas físicas, e as linhas de investimento em capital de giro para médias e grandes empresas.

No 2T estamos introduzindo uma nova métrica para anualizar o spread do Banco. Trata-se de um spread ajustado pelo risco. Como se pode observar no gráfico à direita no slide, embora tenha havido redução de spread bruto do Banco, quando este é ajustado pelo risco, o comportamento é bem diferente. Isso mostra que a estratégia de optar por produtos com margens menores, porém, com melhor perfil de risco, tem feito sentido. Desde o ano passado, o spread ajustado pelo risco tem ficado estável, por volta de 4,5%, a despeito da queda de 80 b.p. no spread global na comparação com o 2T09.

Seguindo para o slide número nove, observamos que o custo de captação do Banco do Brasil vem melhorando, em função do crescimento apresentado dos chamados *core deposits*, depósitos de baixo custo, ter sido maior do que o crescimento dos depósitos totais. Nossa captação externa, como pode ser visto na parte inferior do slide, tem se mostrado constante em nosso market share na administração de recursos de terceiros, que está próxima de um quarto do mercado nacional.



No slide de número dez podemos verificar que o Banco continua conquistando terreno no mercado de crédito, ampliando sua liderança no mercado, com market share de 20,1% em junho de 2010, somando, ao final de junho de 2010, R\$326,5 bilhões em carteira de crédito.

O destaque neste slide é o percentual que a carteira de pessoas físicas representa na carteira total. Em junho de 2009, essa carteira representava 27% do total, enquanto em junho de 2010, saltou para 31% da carteira total, superando a casa dos R\$100 bilhões. Nós vamos comentar brevemente os principais segmentos dessa carteira de crédito.

Seguindo para o slide número 11, fazemos uma abertura das operações de crédito à pessoa física, que cresceram 47,7% em 12 meses. Podemos observar que as operações de crédito consignado e financiamento a veículos representam 61,3% da carteira PF, o que justifica a queda observada no spread, por essas serem operações com menor risco.

Para continuarmos crescendo nossa carteira de crédito consignado, teremos como foco principalmente o aumento da nossa participação no segmento de INSS, ampliação dos prazos de empréstimos em convênios com prefeituras, e na parceria com o Banco Votorantim, complementando a capacidade de originação em ambiente externo às nossas agências. Para o financiamento a veículos, continuaremos no processo de aquisição de carteiras junto a outras instituições financeiras, lançaremos novos produtos mais adaptados às necessidades de nossos clientes quanto a prazo e comodidade.

Não podemos deixar de destacar que ao final de junho de 2010 superamos a marca, como pode ser visto no gráfico, de R\$2 bilhões em operações de crédito imobiliário. Neste segmento, nossa estratégia tem sido a originação de financiamentos por meio de empreendimentos imobiliários, participação no projeto Minha Casa, Minha Vida, e, naturalmente, a utilização da nossa extensiva rede de agências para originar negócios.

Seguindo para o slide número 12, apresentamos a evolução do saldo das operações de financiamento para pessoa jurídica, que em 12 meses apresentou crescimento de 31%. Observem que o crescimento maior ocorreu nas operações com médias e grandes empresas, crescimento de 38,1%, fato que explica a redução do spread dessas operações, porém, com melhoria de risco. No slide seguinte damos mais detalhes da evolução desta carteira.

Como pode ser visto no slide 13, temos a abertura da nossa carteira de crédito PJ, com destaque para a participação das operações de capital de giro e investimentos, que, em conjunto, representam mais de 76% da carteira destinada à pessoa jurídica, que apresentou um crescimento por volta de 10% no trimestre, superando 40% de crescimento desde junho. Destaca-se aqui uma queda de 9,6% nas operações para financiamento do comércio exterior no período. A carteira de crédito de pessoa jurídica atingiu, ao final de junho, R\$135,6 bilhões.

No slide número 14, apresentamos a evolução do volume de operações de capital de giro a micro e pequenas empresas, que estão garantidos pelo Fundo Garantidor de Operações, o FGO. O saldo dessas operações cresceu, somente no trimestre, 47,1%, encerrando o semestre com R\$5,1 bilhões, garantidos pelo FGO, ou seja, mais que 10% da carteira de micro e pequenas empresas garantidos pelo FGO.



A inadimplência da carteira de MPE, após elevação verificada no 1S09, o pico, decorre dos impactos da crise financeira e vem apresentando constante melhora em função do aperfeiçoamento das constituições de ofertas de novas operações, com a utilização de mitigadores como o FGO e a priorização de operações lastreadas em recebíveis.

Slide número 15. As informações contidas neste slide ratificam a posição do Banco do Brasil como o maior parceiro do agronegócio brasileiro, com um market share de 60,5% em junho de 2010. Naturalmente, o destaque no 2T foi o crescimento das operações de comercialização, 37% sobre março, por conta da sazonalidade. Para a seqüência do ano, espera-se que com o início da próxima safra o crescimento seja mais concentrado nas operações de custeio.

No slide número 16, complementando as informações do slide 15 sobre a carteira de agronegócios do Banco do Brasil, observamos o crescimento da utilização dos seguros agrícolas. 61% das operações de custeio agrícola da safra 2009/2010 foram contratadas com o seguro agrícola, contra 50% da safra 2007/2008. Na parte inferior do slide apresentamos, pela primeira vez, um quadro com os valores e o percentual de mitigadores para as principais culturas brasileiras, com destaque para as operações de custeio de trigo e soja, que apresentam, respectivamente, 88,6% e 83,3% de suas operações seguradas.

No slide de número 17, apresentamos um comparativo da qualidade do risco do Banco do Brasil e do sistema financeiro nacional, onde, conforme pode ser observado, o percentual de operações com risco de AA a C do BB aumentou nos últimos 12 meses, encerrando junho de 2010 com 92,5%. Além disso, a concentração da carteira do BB nos riscos AA a C mantém-se em melhor nível do que esses mesmos riscos para o sistema financeiro nacional.

Seguindo para o slide 18, os gráficos deste slide demonstram que a estratégia adotada pelo Banco do Brasil em direcionar suas operações para negócios com riscos menores vem definitivamente surtindo efeito. Os índices de inadimplência de pessoa física e pessoa jurídica apresentaram tendências declinantes nos últimos 12 meses, em níveis mais baixos do que esses mesmos índices no sistema financeiro como um todo.

Seguindo para o próximo slide, no slide número 19 destacamos os índices de inadimplência das operações de agronegócios, com abertura para as operações prorrogadas e não prorrogadas. É interessante destacar que independente de serem operações prorrogadas ou não prorrogadas, seus índices de inadimplência estão em melhores níveis do que no 1S09.

Desta forma, também a inadimplência da carteira total de agronegócios apresentou melhora, encerrando o 1S10 com percentual inferior ao do mesmo período do ano passado. Atualmente estamos registrando 2,3% de operações vencidas há mais de 90 dias sobre a carteira, e as operações não prorrogadas com 1,9% em operações vencidas há mais de 90 dias sobre a carteira.

Neste slide temos uma informação muito interessante, que mostra que 456% das operações vencidas há mais de 90 dias em operações prorrogadas estão cobertas com provisões.

Seguindo para o slide 20, finalizando as informações relativas a risco de crédito, embora nossa inadimplência apresente um patamar inferior ao sistema financeiro,



nosso percentual de operações lançadas como perda em comparação à carteira ser mais baixo do que a média da concorrência e nosso índice de recuperação de perdas ser mais elevado, mantemos nosso índice de cobertura das operações vencidas há mais de 90 dias, com provisões acima do sistema financeiro nacional.

No 2T, três eventos provocaram redução no estoque de produção, é importante destacarmos: tivemos uma reversão de R\$332 milhões, que tratamos como um evento extraordinário, não está compondo o resultado recorrente do banco; e tivemos uma migração de provisão adicional para a provisão requerida decorrente de alguns ajustes que fizemos na nossa carteira, que podemos comentar a seguir. Esses valores não foram para resultado, somente os R\$332 milhões.

Passando para o slide 21, podemos ver a contribuição dos negócios não de juros, tarifas e seguros, para a formação das receitas comerciais do Banco, que elevaram o percentual de participação em 160 b.p. no 2T sobre o trimestre anterior, aproximando-se de 1/3 do total das receitas comerciais, que somaram, no 1S10, R\$27,3 bilhões.

O slide número 22 faz referência às despesas administrativas, já com os dados do 1S ajustados com as despesas do Banco Nossa Caixa e do Banco Votorantim; portanto, informações pro forma, somente para efeito de comparação. Nesta comparação com o 1S09, as despesas administrativas cresceram 9,1%, ficando abaixo, portanto, do *guidance* divulgado, com uma evolução em linha ao crescimento dos negócios, e afirmando a austeridade do Banco do Brasil na gestão de suas despesas.

No slide 23, podemos verificar que o incremento das despesas administrativas abaixo do projetado trouxe melhorias para os índices de produtividade do BB, principalmente na relação receita de serviços versus despesas de pessoal.

Seguindo para o slide 24, verificamos que o Banco do Brasil apresenta um crescimento consistente no mercado de cartões, mantendo sua participação acima de 20% no critério de faturamento.

Buscando ganhos de sinergias e negócios correlatos, o BB e o Bradesco estão trabalhando na criação de uma holding para o lançamento da bandeira Elo, cujo foco de atuação será o público de baixa renda, que ainda apresenta uma baixa penetração no mercado de cartões. Buscando maximizar a geração de negócios junto a este público-alvo, recentemente, o Banco do Brasil, o Bradesco e a Caixa Econômica Federal assinaram memorando de entendimentos para que esta última possa fazer parte desta operação. Ampliam-se capilaridade e acesso ao público de interesse desse negócio.

O slide 25 apresenta a participação da área de seguridade do BB no seu resultado. Cabe lembrar que recentemente reestruturamos nossa área de seguridade, inclusive com a reorganização societária em todas as nossas coligadas, buscando, com isso, aumentar nosso market share, possibilitar a venda de produtos de seguridade em canais alternativos e com soluções automatizadas, criamos tais produtos focados em nichos específicos. As reestruturações societárias aumentaram a participação do BB nas empresas de seguridade, o que por si só já agrega resultados ao Banco do Brasil.

No próximo slide, de número 26, traçamos um comparativo antes e depois da incorporação do Banco Nossa Caixa. A incorporação do Banco Nossa Caixa otimizou os negócios daquele banco, reduziu o índice de fraudes eletrônicas em 98%, e incrementou a utilização de terminais de auto-atendimento em 113%. Além disso,



100% da rede de agências do Banco Nossa Caixa já estão totalmente integrados, fazendo com que o Banco do Brasil tenha a maior rede de atendimento no Estado de São Paulo.

Seguindo para o próximo slide, número 27, trazemos alguns dados relativos ao Banco Votorantim, com destaque para o fato de que o volume de seus negócios cresceu após a parceria firmada com o Banco em setembro de 2009, especialmente o aumento de seu market share na produção de financiamento a veículos, com 22,5%. Observem que nós geramos R\$7,5 bilhões no 2T de novos negócios de varejo naquela instituição financeira, e observem também que o índice de inadimplência do Banco Votorantim como um todo, da sua carteira de crédito, tem apresentado redução, atingindo, ao final do 2T10, 3%.

No slide número 28, apresentamos um resumo da recente oferta de ações que realizamos, que se encerrou agora, no final de julho, com a publicação do anúncio de encerramento; na realidade, foi no início de agosto, dia 2 de agosto. Essa oferta movimentou R\$9,761 bilhões; ao final da oferta, o *free float* do Banco do Brasil passou para 30,4%, ultrapassando o limite mínimo exigido pelo regulamento do Novo Mercado. Além disso, nossa base acionária sofreu, no bom sentido, um incremento de 22% no número de acionistas, totalizando mais de 420.000 novos acionistas, acrescentando 78.000 novos acionistas à nossa base, um número bastante expressivo.

Seguindo para o próximo slide, além do aumento do número de acionistas e adequação do *free float* do BB ao regulamento do Novo Mercado, a oferta encerrada em junho também melhorou o nosso índice de Basileia, conforme está demonstrado neste slide, aumentando nossa capacidade de crescimento.

Seguindo para o próximo slide, antes de encerrarmos a apresentação e abrirmos para o debate, apresentamos no slide 30 as estimativas para 2010, comparadas com o realizado pelo BB até o 1S10.

Cabe destacar inicialmente que revisamos estimativas para provisão para créditos de ação duvidosa em razão da melhoria da qualidade de nossa carteira de crédito. A revisão foi de 4,4 a 4,8, para 4 a 4,4. Quanto ao spread, nossa expectativa é de recuperação na segunda parte do ano, motivada pelo ganho de participação das operações com pessoas físicas. O realizado para depósitos totais ficou abaixo de nossa estimativa por questões sazonais, mas a expectativa é que haja uma maior liquidez na economia no 2S, que é sazonal também, e proporcionará um crescimento mais forte na nossa base de depósitos.

Estes foram os pontos que gostaríamos de abordar. Podemos agora passar para a sessão de perguntas e respostas. Obrigado.

**Eduardo Rosman, BTG Pactual:**

Bom dia a todos. Na verdade, eu tenho duas perguntas. A primeira é sobre a receita de serviços, que vimos que cresceu muito forte no trimestre, 9% em relação ao 1T. Queria entender um pouco o que aconteceu. Pelo que eu entendi, foi uma mudança na metodologia de cobrança. Queria que vocês falassem um pouco sobre isso, e o que podemos esperar para os próximos trimestres.



A segunda pergunta é em relação ao Votorantim. Vemos que o Banco ainda está apresentando resultados muito aquém, até um pouco fracos, na casa de 11% de retorno sobre o patrimônio. Queria que vocês falassem um pouco da operação e quando vocês esperam que o Votorantim tenha uma participação maior no resultado do Banco do Brasil. Obrigado.

**Gilberto Lourenço da Aparecida:**

Obrigado, Eduardo, pela sua pergunta. De fato, isso é rotina no Banco. Implementamos revisões na metodologia de cobrança de tarifas de serviços, isso não quer dizer que o Banco faça uma revisão para elevar os preços, mas aperfeiçoamos o sistema e fazemos uma revisão. Fizemos uma revisão no sistema nesse 1S, mais concentrado no 2T, que trouxe um ganho na tarifa de serviços. Para a continuidade do ano, a expectativa é que a tarifa de serviços se comporte dentro do *guidance*. O *guidance* de tarifa de serviços, como pode ser visto, é de 7% a 10%.

Quanto ao Votorantim, acho que ele tem que ser analisado agora como um conglomerado. Se observarmos o que o Votorantim está fazendo e as possibilidades que temos de parceria para frente, o Votorantim de fato vai agregar muito valor para o Banco, e já está agregando.

O slide 27 demonstrou que o Banco Votorantim salta a sua produção de financiamento a veículo para 22% de *share*. Então, na produção, o Banco Votorantim já se aproxima e já está superando, em alguns momentos, o líder na geração desse *business*. Naturalmente, olhando sob o ponto de vista de conglomerado, temos a possibilidade de crescer em *share* e de adquirir carteira do Votorantim também, e o resultado, você verá, sob a óptica do conglomerado, o objetivo atingido.

Olhando para frente, outra possibilidade que temos para o Banco Votorantim é a utilização da empresa de promoção de venda para originação do negócios de crédito consignado. Como dissemos, nossa exposição para financiamento para INSS é muito pequena. Se você pegar a carteira de crédito consignado do Banco do Brasil, apenas 8% é de financiamento para INSS, enquanto o funcionalismo público tem 83%, 84%.

Então, temos um campo grande para crescer no INSS, considerando que pagamos quase que 1/4 da folha de INSS dentro das agências do Banco do Brasil. E quem está trabalhando essa base? Geralmente é quem se utiliza de promotores de venda, os 'faixinhas'. E o Banco do Brasil, sabidamente, origina o seu negócio dentro de casa, usando sua rede, sua infraestrutura tecnológica, ou por meio de aquisição e carteira.

Então, é uma frente nova que vamos lançar, que já estamos estruturando para poder atuar, para poder crescer na originação de crédito consignado por meio da parceria com o Banco Votorantim. Então, acreditamos que vai agregar bastante para o Banco.

Acho que gradativamente o Banco vai melhorar seu desempenho; mas, de novo, é importante que analisemos o Banco Votorantim sob a óptica de conglomerado.

**Eduardo Rosman:**

Perfeito, Gilberto. Obrigado.



**Carlos Firetti, Bradesco Corretora:**

Bom dia a todos. A primeira pergunta, eu gostaria, aproveitando o José Carlos, que vocês falassem um pouco sobre o que vocês estão vendo para o panorama para a próxima safra em termos de condições de retorno para os agricultores, e se será novamente uma safra em que vocês não veem qualquer problema.

E outra pergunta, em relação a essa questão que você falou, Gilberto, sobre a utilização da promotora do Banco Votorantim para a originação de INSS, eu queria saber se você pode falar como vocês imaginam que seria o esquema de pagamento de comissões para essa promotora. Seria a taxa de mercado, seria alguma coisa especial porque eles estariam atuando na rede do Banco do Brasil? Obrigado.

**Gilberto Lourenço da Aparecida:**

Obrigado, Firetti. Primeiro eu passo a palavra ao José Carlos, depois ainda temos aqui o Gueitiro, que é o Diretor da Área de Empréstimo e Financiamento, para comentar a questão do Votorantim.

**José Carlos Vaz:**

Bom dia. O cenário do agronegócio continua com a tendência mais forte, separando produtores com menor endividamento dos com maior endividamento, levando a um acirramento para a questão da eficiência frente à rentabilidade, que no Banco do Brasil se reflete na seletividade dos clientes, onde a preferência é àqueles que não apresentam histórico de prorrogações, ou, se têm histórico de prorrogações, vêm reduzindo esse volume ao longo dos últimos anos.

A safra 2009/2010, que foi colhida este ano, apresentou margens positivas, porém foi a menor das últimas quatro safras, e isso impactou um pouco nos retornos da carteira prorrogada e não no retorno da carteira não prorrogada; a carteira de que o cliente que não apresentam prorrogação apresentou um bom nível de retorno, o que acirra aquele fenômeno que temos, que desembolsamos cada vez mais a cada safra e a carteira cresce pouco, justamente porque o retorno e os pagamentos têm sido muito fortes, também.

Então, atravessamos com tranquilidade a comercialização da safra 2009/2010, estamos administrando alguns problemas em alguns prazos de culturas, isso é com o pessoal que tem prorrogação, mas sem nenhum sinal amarelo, ou quiçá vermelho para carteira.

Já a safra que está sendo plantada será impactada pela seca; tem uma estiagem aqui no Centro-Oeste, tem uma estiagem prevista para a região Sul mais para meados de dezembro, o que não nos preocupa. A estiagem na região Sul não nos preocupa porque estamos com seguro agrícola conjugado com o custeio. Não será a maior seca do ciclo, porque temos um ciclo histórico no Brasil de estiagem mais forte e mais fraca na região Sul; não será o pior ano. Estaremos bem blindados, e a sinalização é de que essas perdas serão pontuais e contribuirão com o aumento do preço.

Então, a tendência é ter margens melhores para os produtores no ano que vem. Então, a safra 2010/2011, em termos de renda e margem para o produtor, deve ser a segunda ou até a primeira da sequência de cinco anos.



Aqui no Centro-Oeste está havendo um pouco de estiagem, mas ainda não nos preocupa, e deve levar a decisão sobre a questão de *[inaudível]*, milho, algodão, soja. Então, problemas climáticos não devem afetar a carteira; em problemas de preços também passamos pelo momento pior, que era este ano, o ano que vem será um ano bom. Então, a carteira manterá a tendência de crescimento de qualidade, aumento dos retornos, estabilidade no volume de crédito para médios e grandes produtores, um pequeno crescimento dos *[inaudível]*, e a manutenção dos volumes expressivos no crédito à pessoa jurídica.

Acho que esse é o cenário para a nossa carteira. Obrigado.

**Gueitiro Matsuo:**

Carlos, com relação ao consignado do INSS, o ponto é o seguinte: a despeito de o Banco do Brasil ser líder nesse mercado de consignado, especificamente nesse nicho de INSS, um mercado R\$38 bilhões, o Banco do Brasil tem uma fatia muito pequena lá. E do outro lado existe uma oportunidade enorme, porque o BB é o maior pagador de benefícios do INSS; ou seja, todo mês passa por nossas salas de auto-atendimento esse público de mais de 6 milhões de aposentados.

Então, a forma de chegar nesse mercado é com agente de crédito, com o modelo de correspondente bancário. Então, o que nós queremos implementar nesse semestre fortemente é o crescimento desse mercado, que passa necessariamente por originação através de promotoras. Então, a BV será uma das estratégias que vamos otimizar dentro do conglomerado para chegar a esse público. Entendemos haver um potencial grande de mercado para crescer, especificamente no nicho INSS.

O esquema de remuneração é o tradicional do mercado. Lógico que iremos pagar muito menos, porque temos um diferencial competitivo, que é a pessoa ir todo mês à agência, então a promotora que vai trabalhar nessa parceria conosco não precisa necessariamente abordar fora do ambiente, um público que ela não sabe se é beneficiário ou não. Então, o esquema remuneração é normal do mercado.

**Banco do Brasil:**

Se você me permite, Gueitiro, é bom lembrar que das operações que fizemos com o Votorantim, 50% é do Banco do Brasil. Uma empresa que é do Grupo, pelo menos metade da companhia.

**Carlos Firetti:**

OK, muito obrigado.

**Alexandre Spada, Itaú:**

Bom dia a todos. Parabéns pelo resultado. Tenho duas perguntas rápidas. A primeira é com relação ao NPL para o ano de 2011: como vocês esperam que essa linha vá se comportar?

E eu queria que vocês comentassem um pouco mais sobre essa mudança que vocês fizeram de classificação de parte das provisões. Imagino que isso esteja relacionado ao benefício que era permitido antes para Tier 1, e queria saber se isso já foi feito ou se ainda tem um resquício de provisão que pode se reclassificar para frente. Obrigado.



**Gilberto Lourenço da Aparecida:**

Obrigado, Alexandre. Eu vou começar, e depois passo a palavra para o Diretor de Crédito, Walter Malieni. Dando uma idéia do que tínhamos em termos de índice de inadimplência pré-crise, o índice de vencidos há mais de 90 dias no 3T08, quando não tínhamos ainda o efeito de crise, era 2,2%. Então, chegamos a esse patamar, e hoje estamos com 2,7%, então, tem possibilidade de voltar gradualmente para esse patamar.

Quanto à perspectiva futura e quanto à utilização do adicional, vou passar a palavra para o Diretor Walter.

**Walter Malieni Júnior:**

Bom dia, Alexandre. Em relação aos ajustes que fizemos de reversão da tradicional para a regulamentar, no que se refere à operação da Nossa Caixa, que foi uma reversão, se não me engano, de R\$220 milhões, nós absorvemos toda a carteira de clientes daquele Banco em junho deste ano.

Conseqüentemente, fizemos a reversão adicional, que não tínhamos a carteira de clientes aqui, para regulamentar entre os modelos adotados pelo Banco. Vínhamos fazendo de forma nacional, até por ser conservador, porque vínhamos fazendo o trabalho de arrasto cruzado entre clientes em comum entre Banco do Brasil e BNC. Então, a partir do momento em que absorvemos esta carteira, vimos qual era o risco efetivo e a partir daí tivemos o adicional e *[inaudível]* regulamentado.

No que tange à segunda, que foi uma reversão de R\$220 milhões, a 2682, como você bem sabe, prevê que dívidas abaixo R\$50 mil você pode até ficar risco A. Nós, de maneira prudente, considerando o perfil de nossa carteira, adotamos o risco efetivo de cada negócio, e isso vinha sendo considerado na provisão adicional, que é uma forma de compor capital, como você falou. A partir do momento em que o mercado perdeu esse benefício por causa do regulador, nosso *[inaudível]* está regulamentar em qualquer tipo de distribuição de resultado para o acionista.

A sua terceira pergunta, que é sobre ajustes futuros com essa mesma intenção, não há.

**Alexandre Spada:**

Está ótimo, muito obrigado.

**Marcelo Telles, Credit Suisse:**

Bom dia a todos. Eu tenho duas perguntas. A primeira é em relação à margem financeira: nós vimos que teve uma redução no trimestre, vocês justificaram por uma questão de *mix*, e eu queria saber se podemos esperar uma recuperação dessa margem no 2S, pelo menos para os níveis que tínhamos visto no 1T, e também saber um pouco sobre como está o ambiente competitivo em algumas linhas de produtos, particularmente veículos, se vocês estão vendo algum tipo de pressão de margem, e se isso pode ter explicado também um pouco essa redução na margem.



E a outra pergunta é em relação às despesas administrativas. Esse foi um trimestre muito bom para vocês, com um crescimento pequeno comparado aos *peers* do mercado. Se vocês puderem explorar um pouco quais as áreas em que vocês conseguiram um nível maior de eficiência, entender um pouco se vocês estão conseguindo extrair alguma coisa em relação à Nossa Caixa também; entender o que vocês estão fazendo nessa linha, que está performando melhor. Obrigado.

**Gilberto Lourenço da Aparecida:**

Eu vou começar, e depois vou dividir a palavra com os colegas. Com relação à margem, primeiro estamos mantendo o *guidance* para margem financeira do resultado do Banco entre 6,5% a 7%. No 1S registramos 6,4%, mas tem um pouco de efeito sazonal, de fato você apontou bem, provocado pela mudança de. Uma concentração maior em pessoa jurídica e, na pessoa física, concentração maior naqueles créditos que têm um risco melhor, mas vendem menos. Daí o motivo de termos introduzido aquela nova métrica. Se você olha no tempo, a margem ajustada pelo risco está se mantendo constante. Até houve uma melhora nesse trimestre: nós tínhamos 4,4%, e chegamos a 4,5%.

Então, vamos continuar nesse movimento. Ocorre que no 2S, provavelmente, por conta de uma maior demanda para consumo, Dia das Crianças, Natal, você tem um maior direcionamento para crédito de pessoa física, e o crédito de pessoa física, no cômputo total da carteira, tem um spread melhor, mesmo tendo esse movimento para créditos que têm margens menores. Como acreditamos que o crédito de pessoa física cresce mais na segunda parte do ano do que o crédito de pessoa jurídica, acreditamos que a nossa margem deve ficar no *range* que nós estabelecemos para o *guidance*.

O Diretor Walter Malieni tem alguma informação que ele gostaria de compartilhar com relação ao movimento que aconteceu de mudança de *mix*, crédito de pessoa jurídica.

**Walter Malieni Júnior:**

Marcelo, se você perceber, no slide oito, claramente tivemos um crescimento maior em empresas de médio e grande porte quando comparado com micro e pequenas empresas, onde, de fato, também se oferece margens de remuneração menor. Então, isso também pode ser o motivo da explicação quanto à redução na margem financeira bruta.

**Gilberto Lourenço da Aparecida:**

Mas tenha em mente, Marcelo, que essa carteira cresceu, é uma carteira que vai seguir o *guidance* que estabelecemos de crescimento para pessoa física entre 27% e 32%; pessoa jurídica cresceu um pouco mais agora, mas cresce entre 16% e 21%, e nós tivemos crescimento forte também em operações do agronegócio agora no 2T. Então, acreditamos que seguindo o *guidance* que estabelecemos para o mercado, vai haver uma recuperação da margem na segunda parte do ano.

Queria passar a palavra para o Renato Donatello, o nosso Controller, para comentar um pouco a respeito de despesas.



**Renato Donatello:**

Bom dia, Marcelo; bom dia a todos. Com relação à questão de despesa, o Banco vem já há bastante tempo sendo rigoroso no controle das suas despesas. Portanto, também neste ano de 2010 isso continuará acontecendo. Com relação a essa melhora, nós temos algumas ações que foram adotadas no sentido de fazer com que essa despesa ainda viesse um pouco abaixo; lembrando que estamos falando ainda do 1S10, e ainda tem o 2S, e o 2S sazonalmente traz um tipo de incremento. De qualquer forma, nada que nos preocupe do ponto de vista de sairmos do *guidance*. O nosso *guidance* divulgado é entre 10% e 12%, devemos nos manter dentro dessa linha.

Eu diria, mais que tudo, que já começamos a incorporar alguns benefícios da unificação com o BNC, e, de outra parte, processos internos estão sendo revisitados, e é até impossível que venhamos a ter efeitos finais bastante positivos do ponto de vista da liberação de recursos, e eu estou falando de pessoas, para estarem trabalhando mais à frente de vendas. Então, eventualmente teremos essa relação ainda melhorada nos próximos trimestres, quem sabe no início do próximo ano um pouco mais intensamente.

Eu diria que continuamos trabalhando forte como sempre fizemos com relação ao controle das despesas; segundo, não devemos fugir do nosso *guidance* já divulgado para este ano; e terceiro, ações em termos de redução de custos por conta de reorganização, reengendramento de processos, estão sendo bastante intensificadas nesses últimos tempos e vão produzir seus efeitos ao longo de 2010 e 2011 com liberação de mão-de-obra para realização de negócios.

**Marcelo Telles:**

Perfeito. Muito obrigado.

**Alcir Freitas, UBS:**

Bom dia a todos. Minha primeira pergunta é com relação à linha de receitas da Previ. Queria saber se vocês teriam como nos passar um *update* sobre como está hoje o superávit da Previ, e como esse superávit fica em perspectiva quando refletido no resultado do Banco do Brasil, se hoje o patamar desta linha de receita está em torno de R\$900 milhões, e se poderíamos esperar a manutenção desse patamar de receita para o restante deste ano.

E a segunda pergunta é com relação a crescimento de crédito. Temos visto que o mercado, principalmente de consignado, tem apresentado um comportamento bastante forte no 1S10. É um produto em que vocês têm uma presença bastante significativa, e eu queria entender se vocês enxergam ainda nesse produto fôlego para continuar crescendo no 2S tão forte como foi no 1S.

E se vocês me permitirem, só uma última pergunta, que é *follow up* da pergunta do Alexandre: eu só queria confirmar se toda a migração que vocês tinham que fazer da carteira da Nossa Caixa já foi feita; ou seja, se podemos esperar que outros movimentos como esse que houve nesse trimestre, de consumo de provisão adicional por conta da migração da carteira de Nossa Caixa, se não vão acontecer de novo.



**Gilberto Lourenço da Aparecida:**

Obrigado, Alcir. Só enfatizando, obviamente vou compartilhar com os colegas as respostas, não houve consumo de provisão como um todo, porque houve migração da adicional para a requerida. Então, as operações da Nossa Caixa nós não tínhamos tratado como provisão requerida, porque não tínhamos integrado o sistema. Uma vez que nós integramos, as operações mantiveram suas provisões, mas agora contabilizadas como provisão requerida ao invés de adicional. Só essa ressalva que eu gostaria de fazer. E é o mesmo caso daquelas operações abaixo de R\$50 mil.

Eu gostaria de passar a palavra ao nosso Contador Geral, Eduardo César Pasa, para explicar sobre Previ.

**Eduardo César Pasa:**

Bom dia a todos. Na realidade, o que ocorreu em 30 de junho, a projeção que o Banco tinha feito quanto às obrigações veio bem em linha, então o passivo das obrigações [inaudível] veio em linha com o que o Banco projetou; no entanto, a parte do ativo veio um pouco abaixo da expectativa.

O ativo é a valor justo, portanto tem uma boa parcela de renda de variável aplicada na Previ; a Previ aplica em renda variável, e em 30 de junho houve, então, uma queda desses ativos.

Para citar um exemplo, a Previ tem cinco empresas na qual participa, onde destacamos a Vale, mas entre elas Petrobras, Itaú-Unibanco, Bradesco e o próprio Banco do Brasil, e quando comparados os valores contabilizados em dezembro de 2009 com o de agora, em 30 de junho, caíram em torno de R\$9 bilhões. Aí, então, justifica claramente a queda do superávit em torno de R\$10 milhões, que foi o contabilizado.

Outro destaque importante é que, desses ativos, o principal ativo, que é a Vale, já mostrou ontem, em sua cotação ON que a Previ tem, um desempenho de R\$4 bilhões acima do que foi reconhecido em junho. Esse movimento, então, explica a metade.

Outro ativo importante que está pressionado é o da Petrobras, que, comparado junho com dezembro, está em torno de R\$2,7 bilhões, e que, é claro, o mercado espera que após a emissão das ações da Petrobras, volte ao patamar normal, que é o esperado de, no mínimo, dezembro de 2009.

Mas isso tudo são projeções. O mercado se reflete pelos valores e, conseqüentemente, dados os impactos, dada a variação das ações, o Banco do Brasil registra aqui como seu ativo.

O importante é só o efeito, por exemplo, da Vale, os R\$4 bilhões, que se fosse hoje o Banco reconheceria \$525 milhões a mais do que ele já reconheceu, dos R\$389 milhões, para ver o impacto da renda variável. E hoje, acreditamos que os preços estão em um patamar ainda aceitável de transações.

O que esperamos para o futuro, essa parte de renda variável não dá para fazer uma projeção, é o mercado que comanda, mas o Banco do Brasil irá reconhecer, durante o 2S, em torno de R\$200 milhões relativos ao superávit do plano um. Então, será mais R\$1,2 bilhão até dezembro reconhecido, e em dezembro apuramos novamente o



superávit para ver qual foi o deslocamento do valor apurado com os ativos calculados a valor de mercado.

**Gilberto Lourenço da Aparecida:**

Com relação ao crédito consignado, o Gueitiro vai contribuir sobre as perspectivas para esse segmento.

**Gueitiro Matsuo Genso:**

Bom dia. Apesar de o mercado de consignado ser bastante maduro, o que entendemos do 2S, e que já aconteceu no 1S, é que existe um efeito positivo que a economia traz: crescimento de renda, mais pessoas empregadas, pessoas aposentando. Tem novos entrantes aí. Então, nossa expectativa é que continue crescendo na mesma velocidade.

E para o Banco do Brasil, como já comentamos aqui, temos um nicho específico muito forte para ser explorado, que é um mercado de R\$38 bilhões, que é o do INSS, em que nossa participação é pequena e pretendemos implementar forte essa estratégia no 2S.

**Alcir Freitas:**

Está ótimo. Obrigado.

**Luiz Salles, Merrill Lynch:**

Obrigado. Referindo ao slide 29, o índice de Basileia melhorou, obviamente com a oferta pública recente, melhorou de 12,8% para 14,3%, que é melhor que, obviamente, o de junho de 2009, onde o índice estava em 15,3%.

Mas dado que o Banco do Brasil vem crescendo de maneira forte comparado com seus principais concorrentes da iniciativa privada, e que esse índice, relativa ou comparativamente, é mais baixo que o índice dos concorrentes, onde você estima que a necessidade de uma nova injeção possa ocorrer, e qual seria o índice alvo, ou o *guidance* desejável no futuro para esse índice de Basileia para vocês?

**Gilberto Lourenço da Aparecida:**

Obrigado. Vou começar, depois passo a palavra para o Diretor Paulo Roberto, que é diretor da área de gestão de risco do Banco do Brasil. Nós, de fato, fizemos um esforço grande com oferta de ações do Banco, e essa oferta trouxe essa ampliação de 1,5 p.p. no nosso índice de Basileia.

Mas acho que o Diretor Paulo Roberto pode comentar melhor quais são as consequências deste aumento no Tier 1, porque isso traz consequências também para Tier 2, que pode trazer possibilidade de ampliação do índice de Basileia do Banco.

**Paulo Roberto Evangelista de Lima:**

Bom dia, Luiz. Obrigado pela pergunta. Com a capitalização, abre-se espaço para fazermos alguns aumentos no Tier 2 do BB, como IDF, ICH e IHC. Por exemplo, no IHC poderíamos ter uma margem de R\$16,1 bilhões, e no IDF de R\$4,88 bilhões.



Assim, sairíamos de 14,3% de capitalização para em torno de 18,77%, e chegaríamos a dezembro de 2012 com uma sobrevida, com 15,18%, considerando o orçamento de crescimento das carteiras e das demais premissas de projeções.

**Banco do Brasil:**

E nessa simulação consideramos inclusive aquele VAR estressado que já tem.

**Paulo Roberto Evangelista de Lima:**

O VAR estressado a partir de janeiro de 2012, até junho de 2012.

**Gilberto Lourenço da Aparecida:**

Então, Luiz, a questão do índice de capitalização do Banco, obviamente que toda essa nossa análise nós fazemos a partir da regulação que existe agora. A mudança que ocorreu e que afetará 2012 é a do VAR estressado para risco de mercado. Então, considerando a regulação que temos à disposição agora, a oferta, além de aumentar o Tier 1, não estamos dizendo que vamos emitir dívida, estamos dizendo que temos alternativas a mão antes de voltar a mercado para uma nova emissão de ações. É isso que estamos dizendo.

Então, 2012, esse cenário que o Diretor Paulo traçou, falando de 15%, está bem acima daquele piso que estabelecemos como confortável para o Banco do Brasil, de 13%.

**Luiz Salles:**

OK. Obrigado.

**Fábio Fonseca, JGP:**

Bom dia a todos. Na verdade, tenho duas perguntas, a primeira ainda com relação ao superávit da Previ. Queria saber se vocês têm algum estudo, alguma projeção de como isso deve se comportar no ano que vem com o IFRS. Eu entendo que no IFRS você teria que reconhecer o superávit que está fora do balanço de uma vez só, não sei se isso afetaria também o fluxo trimestral que vocês vêm reconhecendo. Então, queria ter uma ideia de como seria o comportamento desse reconhecimento no ano que vem.

E a segunda pergunta é com relação aos planos odontológicos. Queria entender um pouco a estratégia de vocês na oferta desse produto, se vocês querem focar, na verdade, só para oferecer dos beneficiários da *[inaudível]*, ou se vão oferecer como um produto de seguro tradicional de vocês, e se tem algum prazo, ou alguma perspectiva de conclusão dessa nova estrutura para o seguro odontológico. Obrigado.

**Gilberto Lourenço da Aparecida:**

Obrigado, Fábio. Vou passar a palavra, de novo, para o Eduardo, nosso Contador Geral, para responder sua pergunta.



**Eduardo César Pasa:**

Bom dia. Na realidade, o IFRS, a CVM 600 está muito em linha ao IFRS. Então, não esperamos nenhum impacto importante quanto a esse quesito. Contudo, o que é importante destacar é que na legislação brasileira quem normatiza, quem determina a regra de contabilidade para instituições financeiras é o Banco Central. E o Banco Central está no ritmo que ele entende ser mais adequado para fazer essas adaptações.

É claro que ao aplicarmos a conversão da contabilidade brasileira para IFRS, uma das questões é o reconhecimento imediato dos ganhos e perdas não reconhecidas que encontra-se naquele momento do funding da Previ, do plano. No entanto, como é o BACEN quem determina a convergência para IFRS, acreditamos que não haverá nenhum impacto significativo nas demonstrações individuais do Banco do Brasil em 2011. Poderá, sim, ao divulgarmos em IFRS, ter um patrimônio diferenciado, um resultado diferenciado, mas lembrando a todos que este não é o valor calculado para pagar dividendos do Banco do Brasil.

**Gilberto Lourenço da Aparecida:**

Se eu puder acrescentar, Eduardo, na realidade é exatamente este o ponto. O Brasil adotará IFRS, mas continuará com BR GAAP. Então, para todo o efeito jurídico, legal, prestação de informação para acionista, o que vale é o BR GAAP. Então, a forma como isso é contabilizado está disciplinada pela deliberação da CVM

E se você olhar o padrão internacional que já divulgamos e arquivamos na CVM, já existe essa diferença no patrimônio líquido. Então, a diferença é que você tem um patrimônio líquido maior, e tem mais patrimônio do que você teria resultado, que já teria reconhecido no passado esse ganho que está fora do balanço.

Com relação a plano odontológico, primeiro que nós não anunciamos nenhum movimento relacionado a plano odontológico ainda. Existe sim, óbvio, anunciamos para o mercado desde 2007 que fizemos um movimento bastante intenso de reorganização e reestruturação do negócio de seguridade, e naturalmente o plano odontológico pode vir em uma sequência. Mas não existe ainda nenhum acordo assinado, nenhuma parceria firmada, e quando houver alguma novidade nesse sentido prontamente viremos a mercado para falar.

Mas é óbvio que, se formos discutir em teoria, em tese, é um segmento que pode interessar ao Banco do Brasil. O Banco do Brasil, só de empregados e de aposentados, do mundo do Banco do Brasil, tem um contingente que beira 1 milhão de pessoas, então isso pode de fato ser um ativo importante para quem quer atuar nesse segmento.

Mas, de novo, se tiver alguma novidade nesse sentido, viremos a mercado e anunciaremos.

**Fábio Fonseca:**

Está ótimo. Muito obrigado.



**Operadora:**

Com licença. Não havendo mais perguntas, passo a palavra ao Sr. Gilberto Lourenço para as considerações finais.

**Gilberto Lourenço da Aparecida:**

Queria agradecer muito a participação de todos nessa teleconferência de resultados, e colocar à disposição nossa área de Relações com Investidores para quaisquer questões que os senhores desejarem endereçar. Muito obrigado, e até a próxima.

**Operadora:**

A teleconferência do Banco do Brasil está encerrada. Agradecemos a participação de todos, e lembramos que o material utilizado nesta teleconferência está disponível no Portal BB, na página de Relações com Investidores. Obrigado pela participação, e tenham todos um bom dia.

"Este documento é uma transcrição produzida pela MZ. A MZ faz o possível para garantir a qualidade (atual, precisa e completa) da transcrição. Entretanto, a MZ não se responsabiliza por eventuais falhas, já que o texto depende da qualidade do áudio e da clareza discursiva dos palestrantes. Portanto, a MZ não se responsabiliza por eventuais danos ou prejuízos que possam surgir com o uso, acesso, segurança, manutenção, distribuição e/ou transmissão desta transcrição. Este documento é uma transcrição simples e não reflete nenhuma opinião de investimento da MZ. Todo o conteúdo deste documento é de responsabilidade total e exclusiva da empresa que realizou o evento transcrito pela MZ. Por favor, consulte o website de relações com investidor (e/ou institucional) da respectiva companhia para mais condições e termos importantes e específicos relacionados ao uso desta transcrição."